

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

SER DOCENTE: MEDIAÇÃO COM A TECNOLOGIA DO BRINCAR PEDAGÓGICO NO SÉCULO XXI

Being a teacher: mediation with the technology of
pedagogical play in the 21st century

Ser docente: mediación con la tecnología del
juego pedagógico en el siglo XXI

Elisângela Canal Goldoni
Possui Licenciatura em Pedagogia pela
UFMT/UAB - Universidade Aberta do Brasil -
Canarana-MT, Pós Graduada em Gestão Escolar
e Direito Educacional
E-mail: eligoldoni@hotmail.com

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira
Pós-Doutoranda pela Universidade de Coimbra,
Professora do Programa de Pós Graduação em
Geografia e Educação Intercultural Indígena da
Universidade do Estado de Mato Grosso,
UNEMAT.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>
E-mail: leal@unemat.br

Como citar este artigo:

GOLDONI, Elisângela Canal & PEREIRA, Lisanil
da Conceição Patrocínio. Ser docente: mediação
com a tecnologia do brincar pedagógico no século
XXI In **Revista de Comunicação Científica –
RCC**, Jan/Jul, Vol. I, n. 11, pgs. 12-29, 2023. ISSN
2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 11 (2023)
ISSN 2525-670X

SER DOCENTE: MEDIAÇÃO COM A TECNOLOGIA DO BRINCAR PEDAGÓGICO NO SÉCULO XXI

Being a teacher: mediation with the technology of pedagogical play in the 21st century

Ser docente: mediación con la tecnología del juego pedagógico en el siglo XXI

RESUMO:

Este artigo apresenta, a partir do relato da experiência de observação em Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Mato Grosso, os desafios em sala de aula, com o uso da tecnologia no planejamento, na elaboração e nas práticas desenvolvidas com o brincar e a brincadeira presencial e on-line infantil. Instigando a construção de um “novo” olhar aos profissionais. Sim, um caminho novo, percorrido com o auxílio e acesso às ferramentas tecnológicas, proporcionando resultados precisos, eficazes e satisfatórios aos mediadores e às crianças, no “ensinar e aprender”, nesses tempos remotos pedagógicos. Afirmando que não foi uma simples paginação de conteúdos em fascículos, mas sim a compreensão do meu eu no eu das crianças, entre as diferentes fases/idades acompanhadas.

Palavra-chave: Brincar. Brincadeiras. Reinventar. Resilienciar. Tecnologia.

ABSTRACT:

This article presents, from the report of the observation experience in Supervised Internship of the Distance Pedagogy Course of the Federal University of Mato Grosso, the challenges in the classroom, with the use of technology in the planning, in the elaboration and in the practices developed with children's face-to-face and online play and play. Instigating the construction of a “new” look at professionals. Yes, a new path, traveled with the help and access to technological tools, providing accurate, effective and satisfactory results for mediators and children, in “teaching and learning”, in these remote pedagogical times. I say that it was not a simple pagination of contents in fascicles, but the understanding of my self in the children's self, between the different phases/ages monitored.

Keyword: Play. jokes. Reinvent. Resilience. Technology.

RESUMEN:

Este artículo presenta, a partir del relato de la experiencia de observación en Pasantía Supervisada del Curso de Pedagogía a Distancia de la Universidad Federal de Mato Grosso, los desafíos en el aula, con el uso de la tecnología en la planificación, en la elaboración y en las prácticas desarrolladas con el juego y el juego de los niños cara a cara y en línea. Impulsar la construcción de una “nueva” mirada a los profesionales. Sí, un nuevo camino, recorrido con la ayuda y el acceso a herramientas tecnológicas, brindando resultados precisos, efectivos y satisfactorios para mediadores y niños, en la “enseñanza y el aprendizaje”, en estos remotos tiempos pedagógicos. Digo que no fue una simple paginación de contenidos en fascículos, sino la comprensión de mi yo en el yo de los niños, entre las diferentes fases/edades monitoreadas.

Palabra clave: Jugar. chistes reinventar Resiliencia. Tecnología.

Introdução

Utilizamos para a escrita deste artigo os ensinamentos de Piaget (1994), Vygotsky (1984) e outros estudados durante o curso de Pedagogia. Piaget pontua os quatro estágios emergenciais na vida da criança, que desenvolvem a capacidade de compreender e aprender cognitivamente.

Vygotsky (1984, p.45). “Mostra que as brincadeiras necessitam ter regras sim, que simbólica ou a faz de conta comportam normas implícitas, ou seja, aquela em que a própria criança cria”.

Observamos neste ensinamento que em tudo há regras e normas, sendo impostas na vida da criança desde cedo, minimizam situações de divergências e penalidades na vida adulta, “claro que a vida não é um jogo”, mas percebemos que o autor associa a construção do “eu”, baseada em princípios, valores, regras e normas repassadas pela família, escola e outros.

Nestes novos tempos, inovações foram necessárias ser adaptadas entre os diferentes âmbitos, e a escola tem sido alvo deste desafio. Acompanhando as duas versões do ensino, lanço-me a questionar, como ensinar as crianças nas fases iniciais da educação, elas apreciam o olhar, o franzir da testa e o tom da voz do mediador, instigando seu desenvolvimento motor, cognitivo e psíquico?

A escrita deste artigo, proporcionou aprendizado e conhecimento ao longo do curso de Pedagogia, adquirindo nas atividades produzidas e desenvolvidas nos seminários e estágios durante os semestres, uma vez que, a preocupação com o cuidar/ensinar do outro se desenvolve em meu ser desde cedo, é algo “intrínseco”, sentimento de gratidão por reproduzir o conhecimento a outros, agora “respeitando as fases e o tempo” de cada criança em seu desenvolvimento, onde até então não obtinha esse conhecimento

Há muitos estudos comprovando que ao exercermos atividades profissionais satisfeitos, resultamos em eficácia e eficiência etc. Acompanhando os profissionais dos diferentes seguimentos, que contemplam a realização na execução das atividades, identifiquei insatisfação em minha formação acadêmica de Bacharelado em Ciências Contábeis desde 2013. Passando a buscar formação com a área tão sonhada desde a infância. A esse respeito, Nóvoa (1992, p. 9) nos mostra que:

Hoje a profissão docente passa por reconhecer, desde logo, o carácter pessoal do ato de ensinar, admitindo “que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideias e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”.

Ainda ressalta o processo identitário, através do qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional, é um processo que passa também pelo exercício da autonomia e que se faz no tempo, nas decisões tomadas diariamente, as quais para nós professores, “cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (NÓVOA, 2013, p. 9 citado por MATOS, 2016).

Perante as categorias estudadas, agrupou-se um conjunto de pesquisas relacionadas com investigação/formação, tendo objetivos essencialmente emancipatórios, em que os professores são chamados a desempenhar, ao mesmo tempo, o papel de “objetos” e “sujeitos” da investigação, como as biografias educativas (DOMINICIÉ, 1990; JOSSO, 1991), quer sejam vocacionados para a transformação das práticas, quer no sentido de transformação da própria profissão docente. Entre os casos, no movimento de dar voz aos professores, ocorre um processo de empoderamento pessoal e profissional.

Destaco nos Artigos 62 e 63 da LDB, os avanços e as conquistas destes profissionais amparados pela Lei. Nesses artigos **confirma-se que a** formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, com curso de licenciatura plena, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade normal, algo reforçado pela lei nº 13.415, de 2017.

A Lei contemplada destaca que atuar profissionalmente exige do professor, não só o domínio dos conhecimentos específicos em torno dos quais deverá agir, mas ter também a compreensão das questões envolvidas em seu trabalho, sua identidade e resolução, autonomia para tomar decisões, responsabilidade pelas opções feitas. Requer que o professor saiba avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua, interagindo cooperativamente com a comunidade escolar que pertence na sociedade.

O desenvolvimento de competências requeridas do professor deverá ocorrer mediante uma ação teórico/prática, ou seja, toda sistematização teórica articulada com o fazer e todo fazer articulado com a reflexão.

Dentre essa proposta desafiadora do mundo Pedagógico, identifiquei a limitação das práticas tecnológicas existentes nos profissionais, no reinventar das aulas diárias, entre as fases/anos acompanhadas, não desmerecendo sua formação acadêmica na execução das atividades vistas na Lei, mas pelo ano atípico inesperado, que as encarregou de buscar conhecimentos diferenciados para sanar o novo, o “novo” que até então era presencial, planejando suas aulas e as ministravam, sem a proposta de gravações (...), sim, gravações estas que reproduzem o conhecimento do ensino.

Profissionalmente desafiando-se, a esta era infantil conectada no mundo virtual, cheio de informações, mas de pouco conhecimento e aprendizado, como sabemos. Segundo Vygotsky (1988, p. 108),

A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias, sendo o mediador da aprendizagem e pesquisador dentro e fora da sala de aula, respondendo as indagações de seus alunos e estimulando-os a construção do conhecimento.

Vygotsky (1988) já identificava no professor essa reinvenção há mais de três décadas, claro que ele falava da pedagogia renovada, o dentro e fora da sala presencial, sem cogitar momentos remotos ou off-line ou imaginar que passássemos por uma pandemia, como o COVID-19.

Relacionando os ensinamentos adquiridos às vivências existentes no país vizinho, apresentado pelo Dr. professor Antônio Moreira da Universidade Aberta do Portugal, enfatizamos os avanços da tecnologia existente naquele país em relação ao Brasil, na live Pandemia Covid-19; UFG sobre o ensino remoto emergencial a educação digital on-line, ressaltando a todos que o vírus não perguntou se nós queríamos ou não ir para o sinal digital, que a circunstâncias nos faz explorar nossos próprios paradigmas presentes na construção do nosso “eu” pessoal e profissional.

Em Portugal, o sinal digital está presente há muitos anos e tem dado certo confirma ele, frisa que estamos somente distantes fisicamente com esta ferramenta, e conectados a qualquer momento com o acesso digital nos diferentes lugares do mundo.

1. O brincar na educação infantil

Podemos descrever a palavra brincar com significados diferentes para as crianças, mas que tem um objetivo único, estimular o desenvolvimento no aprendizado, iniciando a apresentação do tema escolhido, resgato o histórico do conceito de criança e de infância, em meio ao cenário lúdico educacional. De acordo com Ariès (1981, p. 156),

Na sociedade medieval [...], o sentimento de infância não existia [...] essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia”. Isso significa que, simplesmente, não existia essa concepção que hoje parece evidente, de que a criança, diferentemente do adulto, é um ser em desenvolvimento e que, por esse motivo, necessita de atenção e tratamento diferenciado.

O autor revela uma situação triste existente na sociedade da época, onde desde cedo a criança se via obrigada a ser adulta, realizando atividades forçadas e desumanas, não respeitavam seus estágios e tempos que Piaget nos mostrou (1994).

Segundo Steinberg (1997, p. 98) confirma que;

[...] o conceito de criança como uma categoria particular de seres humanos que exigem tratamento especial, diferente do dos adultos, não tinha ainda se desenvolvido na Idade Média. [...] A infância é um artefato social e histórico e não simplesmente uma entidade biológica. Muitas pessoas argumentam que a infância é uma fase natural do processo de crescimento, do processo pelo qual as pessoas se tornam adultas. Na verdade, aquilo que nesses últimos anos do século XX, tem sido chamado de ‘infância tradicional’, tem apenas 150 anos.

As crianças na idade média eram vistas como adultos miniaturas, marcadas ao sofrimento e penalidades caso não conseguissem realizar as atividades, viviam em condições precárias e criadas distantes de suas mães para não terem vínculo afetivo, havia grande índice de mortalidade infantil na época. Somos sabedores que a criança

sempre existiu, mas eram privadas do direito à infância no século XVI, conquistando seu espaço a partir do séc. XIX e XX.

Foram tempos esses que não existia o brincar na vida da criança, graças as rupturas de pensamentos na antiga idade, a qual associava o momento do brincar da criança como uma “fuga ou distração”, transformando-o ao longo do tempo como caráter educativo.

No início do século XX ocorreram contradições sobre o ensino lúdico em ser educativo. Ainda eram poucos profissionais capacitados para este ensino, muitos pensavam que o simples fato de usarem materiais concretos contemplariam as atividades didáticas desenvolvidas, resultando o conhecimento dos “jogos e brincadeiras”.

Instigamos sim que a brincadeira é uma diversão, uma forma de interagir com a realidade. Como Vygotsky ensina (1984, p. 45) é pelo brincar que a criança pode realizar diversas atividades essenciais à sua descoberta e amadurecimento enquanto ser humano, pois, enquanto brinca, ela recria, interpreta e estabelece relações com o mundo que a rodeia. Assim, embora pareça um conceito contraditório, o ato de brincar é algo muito sério. De acordo com Kishimoto (1998, p. 151),

Pela brincadeira a criança aprende a se movimentar, falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas. A brincadeira tem papel preponderante na perspectiva de uma aprendizagem exploratória, ao favorecer a conduta divergente, a busca de alternativas não usuais, integrando o pensamento intuitivo. Brincadeiras com o auxílio do adulto, em situações estruturadas, mas que permitam a ação motivada e iniciada pelo aprendiz de qualquer idade parecem estratégias adequadas para os que acreditam no potencial do ser humano para descobrir, relacionar e buscar soluções [...].

A citação revela o quanto o brincar é importante no desenvolvimento motor e psíquico da criança, oportunizando a ela um amadurecimento saudável e socioafetivo, com o raciocínio lógico, interação e a atenção.

Figura 01 – O conto da história dos três porquinhos.



Fonte: Tavana Siéli Koch, 2019

Concentração, interesse, suspense, curiosidade, alegria e medo nas crianças, durante a apresentação e interpretação na escola, confirmando o que Piaget (1984), relata sobre os quatro estágios estudados no pensamento infantil, do nascer até a adolescência, quando se atinge a capacidade plena de raciocínio. Segundo ele Educar é “provocar a atividade”, isto é, estimular a procura do conhecimento. E para que este conhecimento instigue as crianças a pensar e produzir resultados, participei da oficina de contação de histórias durante o curso, onde na ocasião o conto era voltado às inúmeras profissões, demonstradas a seguir na imagem, através dos fantoches no palito. Proporcionando-me a satisfação pessoal e profissional, frente ao mundo pedagógico na imaginação das crianças.

2. As vivências transformando o conhecimento no séc. XXI.

Graças aos avanços tecnológicos, o professor (a) entre os diferentes espaços, pode reinventar, inovar, superar desafios e resilienciar conhecimentos qualificativos e quantitativos com a ajuda das ferramentas on-line, nestes tempos remotos vivenciados na pandemia.

Figura 02 - Contação de História



Fonte: Goldoni, 2018

Destaco que para uma minoria dos profissionais da rede de ensino foi necessário “sair de sua zona de conforto” buscando aprendizado tecnológico para produzir as aulas digitais, atingindo assim o público trabalhado.

Braga, (2013, p.57) enfatiza que “navegar é preciso”, a autora evidencia a potencialidade da internet enquanto espaço virtual de pesquisa, de aprendizagem e de interatividade social. Salienta que cabe aos educadores “delinear caminhos que permitam a formação de indivíduos menos ingênuos e mais éticos”, deixando explícita a necessidade de adequação dos agentes envolvidos a um novo contexto social e tecnológico.

Segundo Araújo e Reszka (2016) em seu artigo, a influência da mídia e da tecnologia digital na infância apresentam duas realidades: a primeira é aquela em que as crianças, no momento de brincar, utilizam os brinquedos e brincadeiras tradicionais (cantigas de roda, brincadeira de casinha, brinquedos artesanais) transmitidos e ensinados de geração em geração.

A segunda é a realidade atual, em que as crianças se utilizam, basicamente dos brinquedos eletrônicos (carrinhos de controle remoto, bonecas que falam e se movimentam sozinhas, tablets, entre outros) para se divertirem. Na Educação Infantil e nas demais etapas de ensino deve-se ter muito cuidado ao trabalhar com os

recursos tecnológicos, atentando sempre a proposta pedagógica definida para seu uso. Isso porque, a TV, a internet, o computador, entre outros, são recursos importantes, é preciso saber utilizá-los adequadamente, para gerar aprendizagens significativas, evitando, dessa maneira o simples uso pelo uso.

Como o desafio está em levar um ensino de qualidade às crianças nesta era tecnológica, destaco as vivências em sala de aula, com a música interpretada e gesticulada para as crianças em tempos remotos a seguir.

Figura 03 - Atividade de Gesticulação Remota



Fonte: Tia Mari, 2020-@ateliiefofurasdacamila

Com a letra da música “Cobra não tem pé, e nem mão como é que ela sobe no pezinho de limão” percebemos que a tecnologia faz o momento da educação chegar até nossas casas, com a produção e gesticulação dos ensinamentos que foram impedidos em sala, para que as crianças inspiradas pela mediadora desenvolvam em casa a gesticulação da música como atividade educativa e a partir disso levanto a questão: será que a aprendizagem das mesmas será semelhante em isolamento/casa?

Na sequência apresento a mesma aula, mas presencial, observada nos estágios em seminários, onde confirma a importância do contato entre o mediador e a criança na brincadeira, segundo Vygotsky.

Figura 04 - Música a cobra não tem pé



Fonte: Elisângela Canal Goldoni, 2019.

Nesses tempos remotos, percebo que as crianças estão sem chão, pois é da cama para a televisão e só conversam com o celular na mão. Como identificamos em nossos estudos, o brincar estimula a criança a socialização, a respeitar as regras e atitudes em seu desenvolvimento e aprendizado. E sem o contato direto com a escola e com os colegas, necessitou-se adequações nos recintos familiares, onde pais ou responsáveis passaram a ter que criar horários para o desenvolvimento das atividades que os professores preparam e encaminham a seus alunos, exigindo a parceria entre família e escola para se obter resultados. E como ficaram as atividades infantis, que necessitam do auxílio para a criação e confecção das mesmas?

Em conversa com muitas famílias de diferentes condições financeiras, umas relataram que contratarão profissional para executar aulas em suas casas e as outras alegaram falta de tempo e condições, tirando seus filhos das escolas.

Na proposta do estágio, que este relato da experiência retoma, fui a campo realizar uma entrevista com a professora Iraci Carniel do 1º ao 5º ano, hoje aposentada, e nesta nova fase orientou o projeto PIBID em nosso município, a qual destacou e apontou o ensino remoto, os avanços metodológicos nesse momento em que um processo de adaptação ocorre no contexto educacional.

As metodologias mencionadas pela professora no momento de Estágio seriam aquelas desenvolvidas nas aulas presenciais, que atendem além da proposta curricular voltada às crianças.

Além disso, naquele momento, a professora destacou o despreparo familiar (pais ou responsáveis), a falta de conhecimento e domínio com a tecnologia para auxiliar os filhos como elementos desafiadores para a educação atual.

Esses desafios encontrados pelas famílias como resposta, reforça a importância do “espaço chamado escola”, lugar este que profissionais atendem entre as fases que as crianças necessitam, transmitindo o conhecimento adquirido academicamente em suas áreas, e especializações específica como visto nos artigos 62 e 63 da LDB.

Como nós sabemos, são em tempos difíceis que surgem as mudanças e as novas profissões, esse momento vem de encontro ao reconhecimento e valor encontrado em um professor, acompanhando os dois lados da face, família e escola, identificamos o quanto cada espaço tem importância e reconhecimento na vida da criança.

Naquele momento, a professora também mencionou o aumento do trabalho docente com a transformação do trabalho pedagógico em on-line. No atendimento pedagógico/docente, percebemos a insatisfação dos profissionais com a produção dos alunos e um quadro de docentes cansados e doentes, devido ao uso desta tecnologia que ainda não atende a todos. E os que têm acesso não correspondem ao esperado.

A substituição dos materiais considerados pedagógicos também é um aspecto de destaque, já que a educação nos moldes atuais estabelece a tecnologia como elemento mediador da aprendizagem.

Além disso, os objetivos que ao serem planejados tinham uma finalidade, e ao longo dos dias se transformaram desafiadores, tendo que refazer em nós um conhecimento extraordinário.

Segundo Jean Piaget (1964, p. 5), diz que objetivo principal da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas, e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.

O ensino remoto, é uma ferramenta capaz da criação do novo cenário, envolvendo nas atividades; alunos, pais e escola, entrelaçando a situação existente, (aprender e ensinar x querer e perseverar, ter cede do conhecimento). Piaget mostra-nos que o tempo envolvido, a dedicação, o amor, vão além da carga horaria para que se obtenha o retorno esperado.

O novo sempre tem as duas faces, permitir-se a mudança ou estagnar onde estamos, perante as mudanças ocorridas em todos os setores a educação foi e está sendo muito “atacada”. George Bernard Shaw em suas citações, nos ensina que é impossível haver progresso sem mudança, e quem não consegue mudar a si mesmo não muda coisa alguma.

Procurar achar o erro neste momento é dar-se um “tapa no rosto”, pois tanto as famílias quanto a educação estão passando por uma “reciclagem” se assim posso dizer, muitas mudanças devem acontecer para que esses espaços tão quadrados e desprovidos com suas responsabilidades sejam transformados e juntos consigam alcançar resultados.

Confirmando que as mudanças repentinas de ensino, nos mostraram que as crianças necessitam socializar-se, ter a interação com os colegas e ser mediados profissionalmente, para que o brincar e a brincadeira se transformem em aprendizado em suas vidas. Seguindo os componentes curriculares.

Nesta segunda vivência observada, percebemos que o mediador possui a missão de promover a ação do brincar, confirmando que quando a brincadeira aplicada tem um objetivo, ela se transforma em conhecimento e aprendizado, percebemos na imagem acima o movimento dos pés e das mãos das crianças enquanto a professora reproduz a letra da música cantada.

Confrontando o relato da professora em tempos remotos e as vivências em sala de aula, percebemos que essa ferramenta chamada tecnologia no século XXI, tem precisam de informações, mas é restrita ao sentimento “abraço, carinho, afeto”. E no mundo infantil da educação, a criança não é simbologia ou objeto da robótica, são vidas que envolvidas com o meio interagem, recriam e se transformam, como o Pedagógico nos ensina.

Segue outra vivência observada, trabalhando as cores.

Essa prática lúdica do patinho amarelinho, assistida, foi pintada, recortado, colado e depois gesticulado entre as crianças nas aulas assistidas.

Figura 05 - Atividade com a música o patinho resolveu muda de cor



Fonte: Professora Silvia,2020.

Segundo Vygotsky (1984, p.45), o papel do brinquedo e seu significado, interferem na compreensão da realidade da criança, confirma que o brinquedo apresenta maior significado que a ação na vida real da criança, onde a ação tem maior significado que o brinquedo, o autor mostra que o brinquedo não é o mundo da criança, e sim o mundo imaginário da criança, pois além do brincar ela precisa do real para satisfazer suas necessidades. Ainda segundo Braga (2013, p.137 e 138), “[...] enfatiza que existem dois públicos distintos, com relação ao uso das tecnologias, caracterizando-os como a geração dos “nativos” e dos “imigrantes digitais”.

Descreve que a geração dos “imigrantes digitais” é composta por “Pessoas que cresceram antes das tecnologias digitais se tornarem populares” (BRAGA, 2013, p. 137), enquanto a geração dos “nativos digitais” é representada pelos “jovens que já cresceram imersos e interagindo com esse tipo de tecnologia” (BRAGA, 2013, p. 138). Pelo que se pode analisar, esses últimos representariam a geração de crianças de hoje, lembrando que se fala do ano de 2015, segunda década do século XXI. Com o aperfeiçoamento e abrangência das mídias e das tecnologias digitais, no mundo inteiro, o cenário educacional não teve e não tem como fugir dessas modificações.

Diante disso, necessitamos compreender que a Educação Infantil brasileira, presente na Lei de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996) destaca que a primeira etapa da educação básica deve acompanhar a nova concepção de sociedade

Elisângela Canal Goldoni; Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Considerando as transformações e inovações ocorridas e vivenciadas pelas pessoas a partir da explosão tecnológica e midiática das últimas décadas.

Confirmando que a inserção das mídias digitais na sala de aula, é muito importante desde o princípio da vida escolar da criança, uma vez que as crianças desta geração já têm acesso às tecnologias. Pois o aprendizado acontece bem antes do ingresso na escola.

Segundo Vygotsky (apud BARBOSA et al., 2014), afirma que a aprendizagem infantil inicia bem antes da aprendizagem escolar, porque a criança possui uma história anterior, ou seja, nunca parte do zero. Entende-se, então, que a mídia e a publicidade nela veiculada podem influenciar diretamente a infância, inclusive no que tange ao próprio ato de brincar, porque quase tudo o que as crianças veem na TV ou na internet, querem ter acesso ou reproduzir.

Assim sendo a tarefa do educador é garantir a reprodução em cada criança da humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens. Ela desenvolve acerca da criatividade e demonstra que ao contrário do que defende o senso comum, a verdadeira atividade criadora só se torna possível com a idade adulta, uma vez que os mesmos dependem da experiência acumulada. Verifiquei que os motivos e interesses são aprendidos com base nas condições concretas de vida e da educação, assim sendo os já existentes podem ser modificados e novos motivos podem ser ensinados.

Nesses dias remotos, há uma resistência entre o papel e o lápis, pois as crianças não querem fazer a atividade, só se engraçam na tela do computador e do celular, limitando-se a criação ou imaginação, que as estimula o desenvolvimento e aprendizado da atividade.

3. E o que são desafios encontrados no mundo contemporâneo.

Perante as descobertas e inovações percorridas no mundo pedagógico infantil remoto vivenciado, definitivamente reconhecemos que ser professor não é uma ocupação para qualquer um, tanto no Brasil ou fora dele. A vocação para educador é examinada pelas lentes das oportunidades que se apresentam nos dias atuais,

carregadas de desafio à altura, a mesma está sendo analisada em conjunto com as múltiplas competências a ela associadas, pois estamos inseridos em uma sociedade desenfreada, tendo como desafio as mudanças tecnológicas repentinas encontradas na educação.

Entre os desafios atuais, identifiquei nos avanços tecnológicos que em um futuro tão próximo suscitam que máquinas inteligentes substituirão de maneira completa os professores em sala de aula.

Segundo Anthony Seldon (SELDON, 2018 citado por SARTORI, 2018), dirigente da Universidade de Buckingham, esse movimento é irreversível e se inicia até 2030, como parte de um novo paradigma de modelo educacional “um para um”, um máximo grau de personalização ou individualização do processo de aprendizagem, com base no impressionante avanço da tecnologia de inteligência artificial.

O estudioso se diz desesperadamente triste por isso, mas receoso de estar certo em que se vive o momento denominado como Quarta Revolução Educacional. O pesquisador entende que a primeira se caracterizou pela humanidade aprendendo os conceitos básicos de sobrevivência, como; cultivar alimentos, caçar e construir abrigos. A segunda Revolução se deu com o compartilhamento organizado do conhecimento, mediante a elaboração do sistema de linguagem, marcada pela celebre invenção de Johannes Gutenberg em 1450, a prensa móvel, proporcionando a escrita como elemento central da cultura humana. Essa nova era educacional presente, utiliza-se massivamente da máquina inteligente em sala de aula. O desafio implica-se na disruptiva do conceito “sala de aula”, sendo desconstruído.

Desde 2016, o Fórum Econômico Mundial trouxe o tema quarta revolução industrial, discussões se manifestaram sobre a automação dos empregos em todas as áreas imagináveis, e o impacto sobre a educação é frontal, começando pelo ponto de que a maior parte das crianças de hoje, ao chegarem no mercado de trabalho, irão ocupar empregos que simplesmente não terão adesão na realidade futura, enfatizando-se que não há outro caminho a não ser educação em regime permanente.

Portanto, o autor não diz que será feito um descarte de pessoas, mas sim apresenta estratégias para reciclar o ser humano nesta corrida contra o tempo. Essas novas tecnologias educacionais, dispõem oportunidades de os educadores liderarem

a transformação do próprio “eu” na educação, o aprimoramento profissional. Destaca que a equação que mescla o social, o tecnológico, o econômico e o ético é de difícil resolução, demanda o talento humano por excelência por um bom tempo, disponibilizando que neste espaço de tempo os profissionais da educação se mobilizem, capacitando-se e desenvolvendo seus níveis de conhecimento.

Levando em consideração o “recado” destes dias tão próximos, silenciosamente nos mostra que devemos estar sedentos do conhecimento, para podermos transformar nossas práticas e permanecer atuantes na educação. Pois os motivos que levavam os professores a desenvolver e acumular competências de forma vitalícia na evolução da sociedade, hoje não são mais suficientes às gerações futuras.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARAÚJO, C.; RESZKA, M. F. O brincar, as mídias e as tecnologias digitais na Educação Infantil. **Taquara**, v. 9. n. 1. 2016.

BARBOSA, Gilvana Costa et al. **Tecnologias digitais: possibilidades e desafios na educação infantil**. XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Florianópolis: UNIREDE, 2014.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9394/96 de 1996. Diário Oficial da União. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13415&ano=2017&ato=115MzZE5EeZpWT9be> Acesso em 18 mar 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 13.415 de 2017. Diário Oficial da União. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13415&ano=2017&ato=115MzZE5EeZpWT9be> Acesso em 18 mar 2021.

DOMINICE, Pierre. *L'histoire de vie comme processus de formation*. 1.ed. Paris: L'Harmattan, 1990.

FERRARI, Márcio. Pensadores da Educação: Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio. Revista Nova Escola, Outubro: 2008. Disponível em Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio (novaescola.org.br). Acesso em 18 mar 2021.

JOSSO, Marie-Christine. Cheminer vers soi. Lausan-ne, Suíça: l'Age d'homme, 1991.

KISHIMOTO, Tizuku Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

SARTORI, Rodrigo Vinícius. **Novos caminhos para profissionais da educação**. Curitiba, IESDE, 2018.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C. & SANTOS E. S. (Orgs.) **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED/PMPA, 1997, 98-145.

Recebido: 30/03/2022

Aprovado: 20/08/2022

Publicado: 01/01/2023